

SÍSIFO - EFEITO DE REPETIÇÃO E METÁFORA CONTEMPORÂNEA: TÓPICOS DE ANÁLISE DE UM TEXTO TEATRAL

NICOLE PIRES GONZALES¹; FERNANDA VIEIRA FERNANDES²

¹Universidade Federal de Pelotas – nicolegonzales930@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fvfernandes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por objetivo apresentar pontos de análise do texto teatral *Sísifo*, escrito por Gregorio Duvivier e Vinicius Calderoni, com estreia ocorrida em 2019 e publicação em 2020. A obra foi estudada no âmbito do projeto unificado com ênfase em pesquisa *Leituras do drama contemporâneo*, do curso de Teatro-Licenciatura da UFPel, no qual atuo como bolsista PIBIC-CNPq. Coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Vieira Fernandes, o projeto busca conhecer e debater textos teatrais contemporâneos e suas características, fomentar a leitura dramática como uma ferramenta de formação de leitores e colaborar com a difusão de autores e autoras da atualidade. Por conta disso, o projeto desenvolve ações como: sessões de leituras dramáticas, vídeos, oficinas, entrevistas, *podcast*, entre outros.

O texto teatral supracitado foi estudado pelos membros do projeto entre os meses de agosto e setembro de 2024. A sua leitura dramática pública ocorreu no dia 10 de setembro do mesmo ano, na sala 62 do Bloco 3 do Centro de Artes da UFPel. A obra apresenta em cena uma rampa e um ator, o qual a atravessará, saltando-a sessenta vezes, de formas diferentes, passando por momentos imaginativos, tais como: cruzar uma pista de dança em busca de bebida, desilusões amorosas, a evolução humana, relações de pais e filhos, fatos recentes da História brasileira etc. Esta estrutura surge como uma metáfora do mito de Sísifo, clássico da mitologia grega - daí a divisão da dramaturgia se dá a partir de quadros que exploram o efeito da repetição.

Para a análise do texto que farei neste trabalho, trago como referência principal os conceitos de '*Tableau (Quadro)*', de Mireille Losco, '*Personagem (crise do)*', de Jean-Pierre Ryngaert, e '*Ironia/Humorístico/Grotesco*', de Florence Baillet e Clémence Bouzitat, todos eles sistematizados como verbetes no *Léxico do drama moderno e contemporâneo*, de Jean-pierre Sarrazac (2012).

2. METODOLOGIA

A dinâmica de pesquisa do projeto tem como ponto de partida os encontros do grupo, quando os participantes leem, conhecem e discutem textos teatrais. Findada essa fase, de forma coletiva, escolhe-se qual será a obra levada a público em formato de leitura dramática, considerando fatores como a duração, a pertinência do texto, o seu formato, etc. A obra *Sísifo* foi escolhida através deste processo. Após a fase de ensaios e apresentação da leitura dramática, iniciou-se a orientação para a escrita deste resumo expandido, com foco em listar e identificar alguns aspectos da sua estrutura textual e metafórica. Concomitantemente, foi realizada a leitura dos verbetes citados anteriormente, organizados por Jean-Pierre Sarrazac. Logo, o que se propõe aqui é uma breve metodologia de análise textual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vinicius Calderoni nasceu em São Paulo no ano de 1985, e é dramaturgo, diretor, compositor, músico, roteirista e ator. É um dos fundadores da Cia. Empório de Teatro Sortido e autor de peças como *Não nem nada* (2014), *Arrã* (2015), *Os arqueólogos* (2016) e *Chorume* (2017). É ainda integrante do grupo musical *5 a seco* e formado em Cinema, com diversas produções em longas-metragens e televisão. Gregorio Duvivier é ator, escritor, roteirista e um dos sócio-fundadores do *Porta dos Fundos*, canal com foco em esquetes de humor criado em 2012 na plataforma *Youtube*. Nascido em 1986, na cidade do Rio de Janeiro, estrelou um programa de opinião e humor político chamado *Greg News*, no canal HBO. Para o teatro, além de atuar em *Sísifo*, também fez parte de *Z.É - Zenas Emprovisadas* (2003); *Portátil* (2014) *Uma noite de Lua* (2013), na qual ganhou o Prêmio APTR de Melhor Ator. Ele conta também com produções no cinema, televisão e *streaming*.

Os autores, em um texto introdutório à obra publicada pela Editora Cobogó (2020), compartilham suas motivações e início do processo de criação. Confessam sua admiração pelo trabalho um do outro, e seu amor pela linguagem da internet: especialmente memes e *GIFs*. Este foi o ponto de partida da obra. Compreende-se o *GIF* como um vídeo curto, sem som, que está em constante repetição, assim como as cenas da peça, e assim como o mito de Sísifo: um rei da mitologia grega que é castigado pelos deuses do Olimpo, e a sua punição é carregar uma pedra até o topo de uma montanha, vê-la rolar até embaixo e recomeçar a mesma tarefa por toda a eternidade. Dessa maneira, Sísifo sabia que seu esforço seria em vão, mas, mesmo assim, precisaria seguir. Foi ele, portanto, o primeiro *GIF* da História, segundo os autores (2020). A humanidade seria como o mito: presa em eternas quedas e recomeços.

O texto teatral busca, através do dinamismo de uma estrutura em declínio, uma rampa, trazer ao público as formas de percorrer um espaço, simbolizando a própria ideia de subida - queda - recomeço, tal qual Sísifo. Ao todo, na obra, são demonstrados sessenta saltos, ou seja, sessenta maneiras de se chegar ao topo, de percorrer uma trajetória que certamente findará em queda. Organizadas na disposição de quadros que não dependem um do outro, as cenas se renovam a cada salto que começa, e percebemos um único ator que se transforma, age e dialoga, especialmente com a plateia. De acordo com a pesquisadora Mireille Losco, um 'quadro' seria uma sequência autônoma com relação à construção da narrativa do conflito dramático; ou seja, ele rompe com a ideia de uma ação sequencial lógica dos textos tradicionais, como o eram as cenas, e "[...] permite passar a uma nova economia da fábula, fundada numa sucessão de momentos compostos para si mesmos" (LOSCO *In* SARRAZAC, 2012, p. 47).

A dramaturgia de Duvivier e Calderoni explora a ideia das repetições, já que a base do trabalho se dá em subir a rampa, chegar ao topo, cair, voltar ao início, subir, chegar ao topo, cair novamente, sucessivamente, até o momento final da peça. Isto aproxima a ação teatral do mito clássico, ao mesmo tempo em que atualiza a história, retratando aspectos contemporâneos, com o ser humano preso em um constante *looping* e, na maioria das vezes, responsável pela sua própria destruição - simbolizada pela queda. Logo, evidencia-se que não são mais os deuses que definem o destino da humanidade.

Nos saltos iniciais tem-se a ambientação de uma pista de dança e das particularidades das personalidades que nela estão (tudo isso convencionado

pela fala do ator, já que o cenário em si não muda, é sempre a rampa). De repente, aquele personagem que analisa e descreve o ambiente encontra sua ex-namorada e o diálogo entre eles se passa somente pela narrativa dele e seus silêncios na busca da resposta que vem do outro lado, a qual cabe ao público imaginar. Ao fim do sétimo quadro, ele explica ao leitor/espectador o que aconteceu e o que se repetirá pelos seguintes cinquenta e três saltos seguintes:

Este é um lugar entre outros dois lugares.
Uma fenda compartilhada entre dois blocos de vida e é a vida em si mesma.
Dentro desta linha reta, todas as travessias do mundo.
Dentro deste mundo, um mundo de travessias.
É este o jogo (CALDERONI e DUVIVIER, 2020, p. 24).

O texto não apresenta um personagem delineado e não constroi uma fábula, pelo contrário: ele explora, no jogo cênico, as possibilidades de ser. Como exemplo, podemos citar o *Salto 25 - Hamlet, um gif*, no qual o personagem está representando um texto da famosa peça de Shakespeare, *Hamlet*, e se mantém repetindo o mesmo fragmento até revelar para a plateia que está preso no que conhecemos por *GIF*. Jean-Pierre Ryngaert (2012) discorre, no verbete *Personagem (crise do)*, que na dramaturgia contemporânea o personagem não depende necessariamente de suas características físicas ou psíquicas, de seu passado ou de projetos identificáveis, e ele pode ser multiplicado, assim como notamos na cena em questão. Respeita-se o texto e o personagem até que, no momento seguinte, acontece a quebra, quando o ator que representa o papel cria consciência da sua prisão (ou castigo, como no mito) e busca sair dela.

No *Salto 52 - Destroços*, somos transportados para uma espécie de apresentação das grandes catástrofes ambientais e assassinatos violentos da sociedade brasileira. O personagem age como um repórter de jornal ou um guia de museu, sendo possível identificar essa passagem em expressões como “Daqui de perto as imagens impressionam” (DUVIVIER e CALDERONI, 2020, p. 75) e no momento em que convida o espectador a visitar o museu em questão, dizendo: “Pra todo mundo que quiser visitar a exposição, o Museu das Nossas Vergonhas está aberto 24 horas por dia ao ar livre e com entrada franca” (DUVIVIER E CALDERONI, 2020, p. 76). O nome *Museu das Nossas Vergonhas* é escolhido para causar impacto e fazer alusão ao horror dos acontecimentos no Brasil, mas a forma como é escrito, usando da ludicidade que se instaura numa atmosfera de informação de entretenimento, traz um desconforto cômico para as informações que estão sendo divulgadas:

Eu vou pedir pra vocês chegarem mais perto pra mostrar isso daqui: centenas, talvez milhares, de objetos que foram arrancados das casas das pessoas aqui de Brumadinho. A gente vê aqui um corredor de macarrão de uma macarronada que não vai mais acontecer neste domingo, uma mesa pra jogar baralho onde não vai ter mais carteadado, uma vitrola que não vai mais tocar nenhum disco do Pixinguinha (DUVIVIER e CALDERONI, 2020, p. 75).

Florence Baillet e Clémence Bouzitat (2012), no verbete *Ironia/humorístico/grotesco* descrevem aspectos deste humor explorado nessa cena (e que se repete em várias outras), um tipo de comicidade que causa desconforto. As autoras relatam que o teatro que buscou por estes elementos é atravessado por questões que não implicam em finais felizes, mas sim, terminam

de forma abrupta causando a dúvida para quem consome, rompendo com a progressão linear de uma dramaturgia tradicional.

Os autores constroem na obra uma metáfora crítica da existência humana, que ganha força ao pensarmos que o ser humano vive constantemente realizando feitos, observando essas ações entrarem em decadência, para no fim se destruir; seja no âmbito privado, como as relações amorosas (exemplifico com os *Saltos 31 a 42 - O amor é limbo* que compara o amor com saltos arriscados em poços fundos) ou no coletivo, como o apocalipse e as catástrofes climáticas causadas pela ganância de grandes empresas. Este movimento cíclico retoma a base do que é o mito de Sísifo: o esforço repetido em um fim certo, a queda.

4. CONCLUSÕES

A presente escrita buscou relatar algumas das ações realizadas no projeto unificado *Leituras do drama contemporâneo* e as contribuições para o saber teatral, sejam elas no âmbito acadêmico ou para a comunidade no momento em que torna-se leitura pública. Foi realizada uma apresentação geral do texto *Sísifo*, dos dramaturgos Gregório Duvivier e Vinicius Calderoni, e alguns breves aprofundamentos em quadros específicos da obra, valendo-se dos verbetes sistematizados no livro *Léxico do drama contemporâneo* (2012) para identificar aspectos da estrutura dramática contemporânea que diferem-se das dramaturgias tradicionais, e são exploradas desde o final dos anos de 1980.

A disseminação de um texto teatral reflexivo como *Sísifo* se faz importante porque ressignifica um mito da mitologia grega, ao mesmo tempo em que levanta questões da vivência e existência humana. Ao entrarmos em contato com uma obra dramática que explora problemáticas contemporâneas, somos provocados a exercer o pensamento crítico com relação ao que está sendo exposto pelos autores. O leitor/ouvinte desse texto teatral é conduzido para situações e denúncias que certamente perpassam o seu dia-a-dia e a sua própria história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILLET, F.; BOUZITAT, B. Ironia/Humorístico/Grotesco. *In*: SARRAZAC, J.-P. (org.). **Léxico do drama moderno e contemporâneo**. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 79-81.

DUVIVIER, G.; CALDERONI, V. **Sísifo**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LOSCO, M. Tableau. Quadro. *In*: SARRAZAC, J.-P. (org.). **Léxico do drama moderno e contemporâneo**. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 146-148.

RYNGAERT, J.-P. Personagem (crise do). *In*: SARRAZAC, J.-P. (org.). **Léxico do drama moderno e contemporâneo**. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 112-115.